



Carolina Nabuco

A SUCESSORA

Romance

6,9 instante

© 2018 Editora Instante

© 2018 Titulares dos direitos autorais de Carolina Nabuco

Direção Editorial: **Silvio Testa**

Coordenação Editorial: **Carla Fortino**

Revisão: **Saphyra Editorial**

Capa e Ilustrações: **Fabiana Yoshikawa**

Diagramação: **Estúdio Dito e Feito**

Imagem (orelhas): **Fotógrafo não identificado /**

Coleção Gilberto Ferrez / Acervo Instituto Moreira Salles

(Botafogo, Rio de Janeiro, 1930)

1ª Edição: 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Laura Emília da Silva Siqueira CRB 8/8127)

Nabuco, Carolina.

A sucessora / Carolina Nabuco. 1ª ed. — São Paulo: Editora Instante: 2018.

Romance adaptado para novela na Rede Globo em 1978.

ISBN 978-85-52994-02-2

1. Literatura brasileira 2. Literatura brasileira: romance

3. Literatura brasileira: romance psicológico

I. Nabuco, Carolina.

CDU 821.134.3(81)

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

2. Literatura brasileira : romance

869.3

Atualização de ortografia conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil a partir de 2009.

www.editorainstante.com.br

facebook.com/editorainstante

instagram.com/editorainstante

A sucessora é uma publicação da Editora Instante.

Este livro foi composto com as fontes Arnhem e Adam.cg Pro e impresso sobre papel Pólen Soft 80g/m² na gráfica Corprint.

SUMÁRIO

DESVELANDO
A INTIMIDADE
FEMININA ENTRE
O CONCRETO
E O IMAGINÁRIO

4

I

9

II

18

III

29

IV

59

V

72

VI

87

VII

103

VIII

117

IX

134

X

150

XI

159

XII

176

XIII

183

(RE)DESCOBRINDO
CAROLINA NABUCO

199

SOBRE A
CONCEPÇÃO
DA CAPA

200

DESVELANDO A INTIMIDADE FEMININA ENTRE O CONCRETO E O IMAGINÁRIO

Alguns anos após o seu lançamento, em 1934, o romance *A sucessora*, da fluminense Carolina Nabuco, provocou um escândalo nos meios editoriais graças à semelhança de sua história com *Rebecca, a mulher inesquecível*, filme dirigido por Alfred Hitchcock, estrelado por Joan Fontaine, Laurence Olivier e Judith Anderson e vencedor do Oscar de Melhor Filme de 1941. Estava deflagrada uma polêmica em torno do romance da autora inglesa Daphne du Maurier, publicado em 1938, no qual o roteiro do filme foi baseado. Álvaro Lins, crítico de grande importância, em sua coluna no jornal *Correio da Manhã*, reconheceu a semelhança absoluta das histórias que têm como eixo central o instigante tema de uma mulher que, casada com um rico viúvo, vive assombrada pelo fantasma da primeira esposa do marido. A autora do romance *Rebecca* havia plagiado o original brasileiro. O assunto voltaria à baila em 1978, por ocasião do lançamento de *A sucessora* como telenovela produzida pela TV Globo. Com primorosa adaptação de Manoel Carlos, profundo conhecedor da alma feminina, foi protagonizada por Susana Vieira,

Rubens de Falco e Nathalia Timberg, sob a direção de Her-
val Rossano e Gracindo Júnior. A polêmica rendeu matéria
no programa *Fantástico: o show da vida*, da TV Globo, exibido
em 8 de outubro de 1978, um dia antes da estreia da novela.
Na entrevista, porém, Carolina Nabuco, então com 88 anos,
preferiu esquivar-se do conflito. “Eu fiquei muito triste. Mas
pus a minha dignidade acima de interesses financeiros do
filme. Um advogado norte-americano veio cá ao Brasil me
perguntar se eu escrevesse um papel dizendo que podia ser
coincidência, eles me pagariam uma quantia patrimonial”,
declarou a romancista.

Inserido na Segunda Geração Modernista, a chamada
Geração de 30, o romance de Carolina Nabuco atendia com
precisão literária e estética à fase de concretização e afirma-
ção de novos valores sociais, fase esta que se dividia entre
temas regionalistas e composição de caráter intimista. Não
por acaso, é um período construído em contexto contur-
bado, após a crise de 1929 em Nova York, de profunda de-
pressão econômica, social e política. Dentro desse quadro
irrompe a jovem Marina, protagonista de uma fascinante
história ancorada na literatura que percorre os meandros
psicológicos; ainda que permeada pelo contexto exterior da
vida em sociedade e à mercê da cultura reinante – no caso, os
francesismos do Rio de Janeiro no início da década de 1920.
Acompanha a personagem, que em certos momentos muito
bem poderia dialogar com Marcel Proust na obra *Em busca
do tempo perdido*, a migração campo-cidade. Basta lembrar-
mos que para a vida na fazenda Santa Rosa bastavam a ela
os vestidos de algodão. Não apenas pela origem campesina,
mas porque o seu íntimo assim lhe moldava, Marina vinha
de um Brasil agreste dos antepassados fazendeiros – um ve-
lho Brasil nas palavras da própria autora. Já o marido, Rober-
to Steen, tinha sangue estrangeiro, pertencia ao novo Brasil,
industrial, e enchera a nova esposa com a elegância da moda
de Buenos Aires quando em viagem de núpcias. Pronto! Esta-
va armado o estratagema tão comum até hoje: o conflito que

traz a inadequação psíquica, social, comportamental. E que, espera-se, seja reequilibrado por meio de uma profunda relação amorosa. Não é o caso de esmiuçarmos o assunto em relação aos elementos criativos da autora, mas aí estão as instâncias que formam a psique humana, de acordo com a Teoria da Personalidade de Freud. E Marina é um exemplo dos mais bem acabados da complexa equação entre o Id, o Ego e o Superego ou do embate entre o feminino em si. Ela e Roberto, ao adentrarem sorridentes e de mãos dadas a faustosa residência dos Steen, veem o retrato de Alice. A autora não deixa por menos e concretiza a falecida esposa de Roberto em retrato de Verron: “Na parede central, com os olhos pretos e brilhantes dirigidos para a porta, com a mão levantada acolhedoramente, Alice, fazendo de dona de casa, parecia receber a sucessora como a uma hóspede passageira, e dizer ao marido: ‘Amo-te e quero-te feliz. Não receio a comparação’”. Alice, endeusada pela governanta Júlia, era certamente uma criatura de um magnetismo extraordinário, uma imagem a intimidar o novo casal – Marina, por ainda carregar a falta de propriedade feminina oriunda de uma vida que a protegia dos intrincados labirintos humanos, e Roberto... ah, esses homens que vivem apenas na função dramática de um “leão” e cuidam somente do construir e atender às necessidades da indústria. Da inexperiência emocional de ambos, a fagulha lançada se alastrará feito rastilho de pólvora em palha seca. Roberto, ingênuo, chegou a acreditar que a irmã Germana, de tom brando para disfarçar a teimosia, iria atender às suas ordens para retirar o quadro que mantinha acesa a imagem da primeira mulher.

Em tempos de realinhamento da mulher na sociedade, há que se celebrar o retorno de um romance escrito por uma das primeiras mulheres que se dedicaram às letras e tendo como protagonista uma personagem que em muito antecipou a contemporaneidade no constructo psicossocial. Em consonância com autores como Érico Veríssimo, Dinah Silveira de Queiroz, Marques Rebelo, Josué Montello, Ciro

dos Anjos, Lúcia Miguel Pereira, Clarice Lispector e Nélida Piñon, a autora de *A sucessora* foi elemento essencial para a edificação de nosso modernismo, na vida e na arte. E, para além da ficção impressa, o romance, engajado em forte corrente psicológica e social, contribuiu, com enorme sucesso, para ampliar a presença da telenovela brasileira no mercado audiovisual estrangeiro.

Marina, ao lutar contra o invisível, ao deparar-se com a imagem de uma mulher perfeita (apenas no retrato!, hão de reconhecer os leitores), ao mesmo tempo que torna o jogo entre o concreto e o imaginário mais agudo tanto para si quanto para Roberto, desvela a nós o quanto é necessário libertar-nos dos fantasmas criados para manter um padrão arcaico de dominação. Em sua coragem para ultrapassar esse “concreto imaginário” e alcançar a maturidade plena, após percorrer com o marido os intrincados e obscuros labirintos da psique humana, certamente reside um dos maiores trunfos dessa universal história contada por Carolina Nabuco.

Mauro Alencar

Consultor e pesquisador da TV Globo, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (com especialização em Teledramaturgia Brasileira e Latino-Americana) e membro da Academia Internacional de Artes e Ciências da Televisão de Nova York, que concede o prêmio Emmy.

A volta ao Rio. O encostar do grande transatlântico. Os primeiros passos em terra firme, entre a escada de bordo e a limusine que os esperava. Depois, o movimento embalador do belo carro; o alvoroço da avenida Rio Branco ao cair da tarde, na hora do êxodo para os lares.

Tudo, até o grito dos jornaleiros, apregoando vespertinos, encantava Marina. Os marcos familiares da cidade surgindo um por um. As vitrinas que se iluminavam. O cansaço delicioso que a vencia. O aconchego em que viajava, com os olhos distraídos pela agitação exterior e a mão presa na de Roberto. A sensação feliz de se lhe abrirem na vida largos horizontes de ventura.

E, de repente, ante seus olhos, o cenário da baía, empolgante e irreal. As luzes acendendo-se, desenhando os contornos da cidade e enfeitando-lhe os morros como joias. O deslizar pela avenida Beira-Mar. A rua Paissandu com a ala dupla de palmeiras enfileirando-se contra o céu crepuscular. A casa... O olhar de Roberto, brilhante de expectativa, virando-se para Marina, procurando colher sua primeira impressão, gozar do seu prazer.

Marina contava com este aspecto de palácio, mas não com as orlas de palmeiras do jardim, desdobrando as da rua, velhas e nobres como aquelas. Foi para elas sua primeira curiosidade. Ao apelar, não ergueu os olhos para o palacete ostentoso, mas para as folhas luzidias das copas verdes, balaçando-se muito alto.

Ouviu a voz de Roberto apresentando-lhe o criado à porta.

— Marina, este é Antônio, um velho amigo. Está na família há vinte anos. E esta é Júlia, mulher dele.

Era calvo e gordo o Antônio, magra e seca a mulher que se aproximou e se pôs a falar com loquacidade.

— Espero que tudo esteja a seu agrado, minha senhora. Arranjamos tudo pelo melhor. Dona Germana veio aqui esta tarde correr a casa e tratar das flores. Saiu há pouco. O chefe preparou o jantar para oito horas, a hora antiga.

— Muito bem — disse Marina.

Outros criados acorriam, a vê-la. Os boatos de sua beleza tiveram confirmação plena.

Marina sorriu para todos e murmurou para Roberto:

— Que boas caras!

Era seu comentário habitual sobre toda espécie de fisio-nomias. Na sua modéstia nunca atribuía essa impressão de bondade humana ao efeito da sua própria beleza.

Havia, no grande vestíbulo em que entraram, altos ramos de lírios e de rosas. Marina, com uma exclamação, dirigiu-se para eles. Roberto chamou sua atenção para outras flores mais raras, uns enormes crisântemos de estufa, mas ela os achou inverossímeis e frios.

Para que observasse a casa, Roberto teve de lhe perguntar se lhe agradava. “Então, gostas da tua casa?”, indagou. Marina levantou das flores para o marido os olhos carinhosos. Caíram por acaso num espelho e ela ajustou maquinalmente o chapéu, depois tirou-o. Apareceram os cabelos castanhos, enquadrando o rosto, que era de uma extraordinária mobilidade, refletindo as mais leves emoções nos pequeninos nervos da boca, das narinas, das faces, na linha flexível das sobrancelhas, nas luzes e sombras dos imensos olhos verdes.

Estranhava ainda nos espelhos a imagem elegantíssima da jovem senhora, casada há um mês e que sua mãe desconheceria. Na lua de mel, através de grandes hotéis da Argentina e do Uruguai, as toaletes haviam pela primeira vez assumido para ela papel importante. Em solteira, na fazenda, a moda não lhe entrava nas preocupações. Para Santa Rosa bastavam

vestidos de algodão, e, cada ano, um de seda, para receber hóspedes de cerimônia. Já datavam de sua adolescência as viagens à Europa, suspensas desde a morte do pai.

Acompanhando Marina nas compras do enxoval, a irmã de Roberto, Germana, descobriu logo sua falta de discernimento para julgar da qualidade dos tecidos ou da perícia do corte. Passou a decidir ela mesma nas lojas, com consultas perfunctórias a Marina e com visível desdém pelo seu gosto moço e tropical, ainda inconsciente dos efeitos sutis. Em Buenos Aires, na viagem de núpcias, Roberto acumulou-a desnecessariamente de novos vestidos, comprados por falta de melhor ocupação e porque as lojas eram tentadoras, nos passeios sem destino entre estranhos. Agora, em tudo que Marina usava, as cores eram mais neutras, as sedas eram mais pesadas, as linhas eram mais simples do que lhe agradaria que fossem, mas submetia-se sem protesto ao gosto experiente do marido e da cunhada.

Do espelho Marina virou-se enfim para a casa. Jubilosa-mente Roberto esperava-lhe o juízo. Sentia-se seguro, apoiado nos comentários que ouvira sempre de visitantes, apoiado no gosto de Alice, sua primeira mulher, que montara este seu lar com carinho e com uma larga parcela da fortuna do marido.

Mas Marina vinha de outro meio. O Brasil dela era o velho Brasil agreste dos antepassados fazendeiros. Roberto tinha sangue estrangeiro, tinha avós vindos da Flandres, emigrantes de terceira classe. Os de Marina haviam sido por muitas gerações proprietários de Santa Rosa, a fazenda mais antiga do Estado do Rio. Eram donos de toda a terra que divisavam das janelas da grande casa colonial, alegre de azulejos, a casa solarenga em que Marina nascera e que pertencia por herança à sua mãe. Através dos tempos coloniais e do Império, Santa Rosa criara na família fortunas e questões, até a Abolição que a sorvera. Agora agonizava.

Marina sempre se sentira abastada. Sua mãe dava gêneros e remédios a quem os viesse pedir na fazenda. Já antes dela assim faziam todas as suas predecessoras em Santa

Rosa, depois de distribuírem aos escravos a ração diária de feijão, arroz e carne-seca.

Mas nunca Marina conhecera o luxo e resistia-lhe inconscientemente. A fazenda protegera-a do amor ao dinheiro, não lhe dando modos de o gastar. Em Santa Rosa a vida era fácil e as necessidades poucas, mas não havia nada que se parecesse com esta riqueza de cortinas e tapetes, de reluzentes painéis, de madeiras novas e de sedas frescas como na loja. Sua mãe nunca se lembrara de enfeitar com flores as grandes salas conventuais. Eram caiadas as paredes, e nuas as janelas, mas os anos haviam criado uma alma para os velhos móveis de jacarandá. As recordações de infância de Marina brincavam em redor deles, pelas salas que as peças maciças não conseguiam encher.

Este era o outro Brasil, o Brasil novo, industrial, no qual nascera Roberto, e que chamava os braços da lavoura, para as cidades, as fábricas e a tuberculose, mas que não produzia ainda, mesmo na capital, senão um fraco punhado de residências como esta, e de fortunas como a que Roberto gastava largamente, na vida organizada para o casal por Alice, no fausto que destoava dos hábitos de seus amigos e que atraía a atenção dos invejosos.

Roberto e Marina passaram de mãos dadas pela porta da primeira sala, sorrindo um para o outro, até verem o retrato de Alice. Na parede central, com os olhos pretos e brilhantes dirigidos para a porta, com a mão levantada acolhedoramente, Alice, fazendo de dona de casa, parecia receber a sucessora como a uma hóspede passageira, e dizer ao marido: “Amo-te e quero-te feliz. Não receio a comparação”.

Marina olhou depressa para Roberto. Percebeu ainda seu primeiro olhar para o retrato, olhar de quem via um antigo companheiro, alguém cuja vista importasse num acréscimo de conforto moral, mas logo a boca se lhe esticou de contrariedade. Dera ordens para que o quadro fosse retirado dali, e não estava habituado a que se lhe não cumprissem as ordens. Veio a Roberto uma onda de irritação contra sua

irmã por não ter respeitado o seu pedido urgente. Era bem da Germana isso, de florir-lhe a casa e ocupar-se de tudo, mas desatendendo à sua única recomendação positiva. Conhecendo-a tão bem, ele é que devia ter-lhe adivinhado a intenção, não ter tomado por aquiescência o silêncio repentino em que Germana caíra, depois de afirmar que um quadro de Verron era uma obra-prima impessoal, como o Reynolds e o Fragonard do salão nobre. Roberto deixara-se iludir pelo tom brando com que, desde a infância, a irmã costumava disfarçar sua teimosia.

Ofereceu a Marina a desculpa insuficiente:

— Perdoe-me não te ter evitado esta impressão de chegada. Dei ordens para que o quadro fosse retirado. Vai sê-lo.

A vista do retrato avivou-lhe a recordação do dia em que ficou resolvido que Verron ia pintar Alice. Haviam assentado que naquela viagem à Europa se faria o retrato de Alice. Hesitavam entre dois ou três pintores de nomeada, sem que o nome de Verron entrasse sequer em discussão, tão alto estava, já tão desinteressado de retratos. Uma tarde, porém, encontraram o mestre inesperadamente num salão da colônia brasileira em Paris. A sala estava cheia. Verron entrou com seu passo pesado, trazendo alta a cabeça branca.

Todos os olhares convergiram logo para ele. Várias pessoas murmuraram logo “É Verron”, para Alice e Roberto, novos na terra.

E seu olhar foi logo para Alice. Perguntou quem era. Só conversou com ela. Todos observaram a atração que surgira, imediata, entre o velho em sua glória e a moça em seu esplendor.

Verron mesmo ofereceu-se para pintá-la. Roberto recordava-se da volta ao hotel naquela noite, da alegria expansiva de Alice, do modo com que, quando ele lhe disse: “Fizeste a conquista do velho”, ela revidou, risonha: “Fiz questão disso!”. Lembrou-se da amizade crescente entre os três, lisonjeando os brasileiros, lembrou-se da satisfação de Verron no dia em que apanhou, e fixou enfim na tela, o olhar do modelo, “*Maintenant ce sont ses yeux, c’est son regard*” [Agora são seus olhos, é o seu

olhar]. Lembrou-se da sua indiferença olímpica aos elogios e do dia em que, frente ao retrato, resmungou satisfeito: “*On voit que ce n’est pas un portrait commandé*” [Vê-se que não é um retrato encomendado].

Quando o pensamento de Roberto tornou a Marina, encontrou-a ao seu lado, a mão, mais fria, ainda na sua, o olhar no retrato, os lábios murmurando uma pergunta:

— É ela, naturalmente, não é? Eu queria muito ver um bom retrato dela.

Sempre que se referia a Alice, Marina dizia “ela”. Não se julgava autorizada a chamá-la pelo nome com uma intimidade que nunca existira. Uma vez dissera a Roberto “tua mulher”, mas ele corrigiu logo:

— Minha mulher és tu.

Parados em frente ao retrato de Alice, contemplavam-no constrangidos.

— Sim. É Alice — respondeu Roberto. — Por Verron... Ele mesmo me disse que nunca fez obra melhor.

Marina repetia o nome glorioso, Verron, e contemplava o quadro, medusada e contrafeita. Comentou:

— É impressionante.

Devia ser Alice viva. Os olhos viam. Penetravam o pensamento, olhavam o mundo como se fosse seu para conquistar, para governar. A boca palpitava. Ia falar. O corpo também ia mover-se. O veludo do vestido reluzia quase tão finamente quanto o do manto de Marina. O colar de pérolas era o mesmo que ela trazia ao pescoço. Roberto percebeu este pormenor, verificando aflitivamente sua falta de tato, e pensou: “Eu devia pelo menos ter mudado o fecho”.

— Onde foi feito? — perguntou Marina.

— Em Paris, antes da guerra.

Roberto não acrescentou “Bons tempos!”, mas Marina captou-lhe as palavras no pensamento. Sua alegria fugiu logo. Lembrou-se de uma frase que ouvira sobre Alice — nunca esquecia nada que lhe dissesse respeito: “Era uma criatura de um magnetismo extraordinário”.

Achou que Verron conseguira transmitir para a tela esse magnetismo.

Deixou-se cair numa cadeira. Roberto viu que no seu rosto de sensitiva o brilho da felicidade se esvaíra subitamente. Já sabia por experiência que agora só voltaria com mil cuidados seus. Marina tinha dessas mudanças repentinas. Sumida na cadeira ampla, parecia até ter diminuído de volume, de tão murcha e inerte que estava. Da sua elegância de figurino parisiense nada parecia restar senão um trapo sem alma, um vestido abandonado na cadeira.

— Isto te estragou a chegada! — lastimou-se Roberto. O primeiro remédio que tentou foram beijos, mas seus lábios encontraram os dela frios, e os olhos de Marina permaneceram fixos no retrato. Roberto então falou-lhe à razão, em tom de queixa: “Isto é exagero, Marina. Não te deves aborrecer assim com um simples mal-entendido de que não tive culpa”. Por fim recorreu a palavras de consolo, humildes e contritas. Ela ouvia, com os olhos meigos sobre o rosto do marido, deixando-se embalar pela sua voz, mas guardando silêncio, deixando vazias as pausas entre cada frase de Roberto:

— Não deves deixar coisa alguma estragar a tua entrada nesta casa, nossa casa... Amanhã o retrato não estará mais aí... Irá para qualquer canto... Até joga-se fora se quiseres... Ciúmes de um retrato, Marina?... Alice, coitadinha, é só uma pintura... Tu é que és minha vida... Esta parede vai ser tua. Vai ter um retrato teu... Quando encontrarmos um pintor digno, hás de posar no parque, com o sol nos teus cabelos... És uma mulher de ar livre. Minha fazendeirazinha!... Dize que me perdoas... Dize qualquer coisa.

Nas pausas, Marina parecia ouvir coisas um pouco diferentes do que Roberto estava a dizer. Continuava a captar-lhe os pensamentos. Entre as frases de Roberto intercalava outras, que ele não dizia, frases menos ternas, mais sensatas, de outro teor:

— Bem sei que este choque foi para ti irremediável, e também que não é brincadeira suceder a Alice, mas quero fingir

que são teus nervos, que não foi nada... O retrato sai, sim, mas vai para outra sala, para um lugar menos importante... Jogar fora, nunca... Tu o queimarias sem remorso, mas és uma selvazinha... Vale uma fortuna, esse quadro. Aqui na cidade respeita-se o dinheiro... Eu também respeito. E não estou mais em idade de mudar. Tu é que mudarás porque vieste para o meu meio... A fazenda ficou lá. Quero o teu retrato feito no parque, ouviste?... para evitarmos comparações... Assim fica outro gênero... Não quero comparações em que percas... Nunca foi fácil medir-se com Alice... Sim, amei-a muito... Não sei se mais, ou se menos, nem quero aprofundar. Em todo caso, tu és o presente. Esta é a maior das vantagens... Alice era uma mulher de salão, por isso está aí cercada de coisas do mundo. Olha o rico fundo de tapeçarias e o serviço de chá a seu lado... as peças que hoje estão na sala de jantar. Tudo nesta casa foi dela... Pensas que a vida de Alice estava nestas coisas de luxo? Não, eu era sua vida... Eu mais que tudo.

— Amanhã o retrato não estará mais aí — ouviu Roberto afirmar. Pareceu a Marina que o olhar que ele lançou então para o quadro era uma despedida, que dizia à morta, sem desculpas nem remorsos, mas com uma espécie de entendimento secreto: “Fica tranquila. Esta encantadora criança me dará nesta tua casa o amor próximo de que preciso, mas sem tomar o teu lugar”.

E o retrato parecia responder: “Sei disso tudo muito bem. Só quero que sejas feliz”.

De repente, a voz de Marina investiu contra o silêncio vivo, como uma espada para debelá-lo:

— Roberto, meu marido, estou muito nervosa hoje, mas não quero ser injusta contigo nem por pensamento.

— Então não fiques aí cismando. Ainda não viste a casa. Vamos corrê-la antes de jantar.

— A casa não me interessa muito — disse. E logo, arrependida da franqueza, emendou-se: — Estou cansada.

Calou sua opinião definitiva: “Tudo é muito ostentoso. É casa para mostrar-se à gente, não é casa para se viver”.

— Então percorreremos amanhã. Mas levanta daí. Anda.

Puxou-a pela mão e ela pôs-se de pé, ainda em frente ao retrato.

— Há uma coisa que ela nos quer dizer — murmurou Marina, interrogando a imagem com olhos dilatados.

Roberto assustou-se, mas fingiu que gracejava.

— Isso é espiritismo? — perguntou.

Séria, Marina respondeu:

— Espiritismo? Deus me livre! Sou católica.

— Então não penses mais neste infeliz retrato, nestas bobagens. Como é que um retrato poderia te dizer alguma coisa?

— Quer sim, mas não percebo.

Subitamente sua perplexidade passou. O rosto serenou, como se visse o que procurava, mas permaneceu pálido e abatido.

— Agora sim — disse Marina, olhando sempre para o retrato.

Tinha a mão esquerda presa na do marido. Levantou lentamente a destra, num gesto de sonâmbula, os dedos rígidos. Disse uma só palavra:

— Prometo.

Depois, dando por fim o episódio, e recobrando a naturalidade, explicou a Roberto:

— Ela quer que eu te faça feliz.

Roberto explodiu num grande riso de alívio:

— Ah! Isto quer. Quem te garante sou eu. E vamos ser mesmo muito felizes. Temos todos os motivos.

Seu riso comunicativo prolongou-se conscientemente, varrendo sombras e espiritismo com seu fragor sadio, concreto, real. Tinha horror a tudo que não fosse claro, racional, perceptível aos sentidos. Respondendo a seu sorriso de comando, o de Marina veio, inundando-lhe radiosamente os olhos, o rosto. Os lábios aqueceram-se-lhe. Correu com Roberto a casa toda, e nos espelhos sucessivos viu-se como antes, jovem e feliz.